

UM ESTUDO DAS COMÉDIAS MÁGICAS *O CHICO E O DIABO E OS IRMÃOS JOGADORES*, DE BENJAMIM DE OLIVEIRA

Eliene Benício Amâncio Costa¹

RESUMO: Neste artigo são analisadas duas peças de Benjamin de Oliveira, consideradas as primeiras peças escritas para o circo-teatro pelo referido autor. São *O Chico e o Diabo* e *Os irmãos jogadores*.

Palavras-chave: dramaturgia; circo-teatro; mágica.

ABSTRACT: This article analyzes two plays of Benjamin de Oliveira, which ones are considered as the first plays written for the circus-theater by the author. These plays are known as *Chico e o Diabo* and *Os irmãos jogadores*.

Keywords: dramaturgy, circus-theater, magic.

O circo-teatro é uma modalidade de circo cuja autoria é dada ao palhaço Benjamin de Oliveira, que na primeira década de 1900 apresentou no Circo Spinelli, Rio de Janeiro, dramas românticos e melodramas em um palco, além do espaço do picadeiro. Nesta modalidade de circo, o espetáculo circense é estruturado em duas partes. Na primeira são apresentados os números de variedades, como acrobacia, trapézio, corda, etc. Na

segunda parte são realizadas apresentações teatrais, destacando-se as pantomimas, farsas, comédias e dramas.

Na bibliografia pesquisada, vários autores citam obras que haviam sido apresentadas dentro dos circos. Em 23 de outubro de 1902, o jornal *Comércio de São Paulo* anuncia a apresentação da pantomima *D. Antônio e os guaranis*, inspirada no livro *O guarani*, de José de Alencar, escrita por Manoel Braga especialmente para a companhia do Circo Spinelli. A pantomima possuía 22 quadros, 70 pessoas em cena e 22 números de música, sendo a mise-en-scène de Benjamin de Oliveira e Cruzet.² Em 14 de janeiro de 1905, já aparece um cartaz do Circo Françaçois, como Circo-Teatro Françaçois, anunciando a presença de Eduardo das Neves cantando suas modinhas no violão, assim como figurando nas pantomimas, entre as quais o drama *Os bandidos da Serra Morena*. Outro cartaz, de 22 de março de 1905, anuncia a peça *O olho do diabo ou a fada e o satanaaz*, escrita especialmente para essa companhia. O Circo Françaçois apresentou outras pantomimas em São Paulo: *Janjão, o pasteleiro*, de Eduardo das Neves, *Nhô Bobó*, *Os guaranis*, *Um bicheiro em apuros* e *Os milagres de Santo Antônio*.³

¹ Professora associada II do Departamento de Técnicas do Espetáculo da Escola de Teatro da UFBA. Doutora em Artes – ECA/USP. Pós-doutora pelo Instituto de Artes/Unesp.

² ARAÚJO, Vicente de Paula. *Salões, circos e cinemas de São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

³ ARAÚJO, op. cit., p. 116.

Os anúncios citados anteriormente mostram apresentações de dramas e farsas no circo, apontando a existência de espetáculos desde 1902, assim como o anúncio de um circo-pavilhão em São Paulo, em 1905.

Sem dúvida foi a dupla Spinelli-Benjamim que consolidou o circo-teatro no Brasil. Levou para o circo os dramas, assim como as comédias ligeiras, as farsas e as chanchadas. Durante 30 anos o circo-pavilhão de Spinelli ficou armado na Praça da Bandeira, no Rio de Janeiro. Benjamim de Oliveira, além de palhaço, era também o “ensaiador” ou diretor de cena. Spinelli era um grande empresário e sabia divulgar seus espetáculos. Entre várias montagens destacavam-se as duas maiores atrações de todos os tempos: *A vida de Cristo*, célebre drama em versos de Eduardo Garrido, apresentado nas quintas e sextas-feiras santas, e *A viúva alegre*.

Apesar das dificuldades vividas por essas companhias de circo-teatro, sua produção dramaturgica mantém-se ainda presente após um século ininterrupto. Necessário faz-se a análise dessas “dramaturgias circenses”, considerando as suas variedades de estilos (dramas, farsas, pantomimas, comédias, etc.) e se é possível de fato caracterizá-las como modelos singulares que absorveram várias influências, como o melodrama francês e as comédias surgidas nos *Theâtres de la Foire*, na França, por influência da *commedia dell’arte* italiana; além da influência das companhias portuguesas e francesas que aqui chegaram com esquetes, chanchadas e farsas.

Neste artigo são analisadas duas peças de Benjamim de Oliveira, consideradas as primeiras peças escritas para o circo-teatro pelo referido autor. São *O Chico e o Diabo* e *Os irmãos jogadores*.⁴

Ambas as peças têm como gênero a mágica. Segundo a pesquisadora Vanda Lima Bellard Freire,⁵ que ao consultar o *Glossário de termos técnicos do espetáculo*, de Geir Campos, encontra a seguinte descrição para a *féerie*, chamada mágica no Brasil e em Portugal: “palavra francesa que designa um gênero teatral, no qual predominam truques espetaculares, com muito trabalho conjunto de mecanismo e luzes e sons, dando a impressão de mundo de fadas (fées, em francês)”. A pesquisadora Neyde Veneziano⁶ assinala que a *féerie* “indicava um tipo de encenação de histórias fantásticas, fabulosas, repletas de

truques cênicos destinados a maravilhar públicos ingênuos”, devido a enredos simples e personagens sem nenhum aprofundamento. Neyde Veneziano explica que:

No século XIX, a mágica era uma peça musicada que, estruturalmente, misturava elementos cômicos e dramáticos, fundada no sobrenatural, plena de transformações, sortilégios, visualidades, fadas e varinhas de condão, demônios e duendes.

A pesquisadora Vanda Lima Bellard Freire assinala a chegada da mágica ao Brasil através dos jornais:

A referência mais antiga que encontramos à mágica, até o presente momento, embora não possamos precisar se já se reporta especificamente ao gênero em questão, está na *Gazeta do Rio de Janeiro*, de 25 de janeiro de 1815, que anuncia, para o Teatro São João, a “nova comédia mágica, intitulada o *Mágico em Valença*. Outra referência antiga está no *Jornal do Commercio*, de 31 de agosto de 1833, que anuncia para 1 de setembro, no Teatro Constitucional Fluminense (denominação, à época, do Teatro S. Pedro), a “peça mágica Adele e Alfeno, ou a *Tiranía Castigada*”, pela companhia cômica, em dois atos. O periódico *O Despertador*, de 24 de abril de 1838, anunciou “o drama mágico em tres actos O Genio do Bem ou Os Mouros de Ormuz”, e, em 29 de outubro do mesmo ano, “a comedia magica em tres actos O Magico em Catalunha ou O Mouro Beneficente”.⁷

Diferentemente dos pesquisadores de teatro, como Neyde Veneziano, a pesquisadora Vanda Lima Bellard Freire, da área da música, situa a mágica como “um gênero musical, incluindo, em suas características, componentes rítmicos e melódicos de manifestações musicais brasileiras do século XIX, tais como modinhas, romances, baladas, maxixes, etc.”, diferenciando-a da *féerie*, que a inclui no âmbito do teatro musicado. Tendo como base as partituras completas encontradas na biblioteca da Escola de Música da UFRG e na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, a pesquisadora destaca ainda que a temática que prevalece nessas mágicas é o amor, aparecendo também intrigas, crítica social e tramas diversas. As personagens que se destacam são do campo, a exemplo de aldeões, camponesas e pastoras; personagens abstratos ou inanimados, a exemplo da natureza; e personagens fantásticos ou mitológicos, como exemplo Satanás, fadas, tritões, ondina, espectros, além de personagens populares.

Ao analisar a peça *O Chico e o Diabo*, em “um acto

⁴ Estas peças fazem parte do acervo do Arquivo Miroel Silveira, que pertence à Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da USP.

⁵ FREIRE, Vanda Lima Bellard. A mágica: um gênero musical esquecido. *Opus* – Revista Eletrônica da ANPPOM, Rio de Janeiro, n. 6, out. 1999. ISSN 1517-7017.

⁶ VENEZIANO, Neyde. *Não adianta chorar*: teatro de revista brasileiro... Oba! Campinas, SP: Unicamp, 1996. p. 27.

⁷ Idem, ibidem.



e uma apotheose”, de Benjamim de Oliveira, em cópia datilografada para ser censurada pelo Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda do Estado de São Paulo (DDP1607), a pedido do Circo Irmãos Fernandez, em 10 de julho de 1934, observa-se que a peça é pequena, constando apenas de oito páginas. Não há nenhuma referência de adaptação ou arranjo para circo. Tudo indica que é de fato o texto escrito por Benjamim de Oliveira na íntegra, ressaltada a distância cronológica entre o ano de 1910, em que foi encenada pela primeira vez, e a cópia do texto, que é datada de 1934, além da inversão do título, que os jornais da época de 1910 anunciam como *O Diabo e o Chico*, enquanto a obra apresentada para censura apresenta o título *O Chico e o Diabo*.⁸ A pesquisadora Ermínia Silva, em sua *Relação de Peças em Ordem Cronológica*, que se encontra em seu livro *Circo-teatro*,⁹ apresenta esta peça com o título *O Chico e o Diabo* como uma pantomima-farsa, que foi apresentada no Teatro-Circo Spinelli Companhia Eqüestre Nacional da Capital Federal – de 1906 a 1912. Observa, porém, que a referida peça aparece também com o título *O Diabo e o Chico*.

As primeiras referências históricas sobre a montagem desta peça pelo famoso palhaço Benjamim de Oliveira constam em anúncio publicado em *A Careta*, de outubro de 1910, segundo Roberto Ruiz. O próprio Benjamim de Oliveira, em entrevista dada a Brício de Abreu para *Dom Casmurro*, esclarece:

No Spinelli é que eu lancei essa forma de teatro combinado com circo, que mais tarde tomaria o nome de Pavilhão. Spinelli era contra. Tanto que nos primeiros espetáculos tomamos roupas de aluguel, porque ele se negava a comprar guarda-roupa. Foi no Boliche da Praça 11. E a primeira peça intitulava-se “O Diabo e o Chico”. Pouco a pouco fomos saindo para o teatro mais forte, de melhor qualidade. E terminamos por fazer “Othelo”. E assim nasceu a comédia e o drama no circo, cousa que nunca se vira antes.¹⁰

É importante observar que a obra citada como a primeira peça da companhia de Spinelli, *O Diabo e o Chico*, é também a primeira peça escrita pelo próprio Benjamim, que além de palhaço era ensaiador ou diretor de cena, realizando também adaptações de obras para a apresentação de pantomimas. Esta obra, *O Diabo e o*

Chico, aparece num anúncio publicado em *A Careta*, de outubro de 1910,¹¹ junto com outras farsas encenadas pela Companhia Spinelli: *Filho assassino*, *Irmãos jogadores*, *Negro do frade*, *Uma para três*, *Matutos na cidade*, *Collar perdido*, *Punhal de ouro*, *Filha do campo*, *Princesa Crystal* e o drama *A noiva do sargento*, além de uma revista sobre a vida artística de acrobatas e ginásticos, intitulada *Scenas da Vida Artística*, ou *Empresários Aventureiros*, ambas de autoria de Francisco Guimarães.

A pesquisadora Ermínia Silva relata em seu livro *Circo-teatro* este fato:

A primeira peça escrita e apresentada, *O diabo e o Chico*, apesar de não fugir ao que os circenses já realizavam, pois era uma mágica às vezes denominada de farsa, é significativa. Benjamim a escreveu na totalidade, incluindo o diálogo e a letra das músicas. Segundo ele, o “sócio-caixa”, Affonso Spinelli, teria resistido a montar aquela peça por causa do custo. Não há maiores detalhes sobre o montante, muito provavelmente alto, por causa do guarda-roupa e do cenário.¹²

É interessante observar que a pesquisadora assinala o alto custo para a montagem, e com certeza deve ter sido devido às características do gênero mágica, já assinalado nesta pesquisa, que utilizava maquinarias e truques cênicos para completar a féerie necessária à representação do enredo. Haja vista esta passagem do texto em que aparece a fada:

FELIPE – Fala, João...

JOÃO – Felipe, você roubou, ou não roubou?

FELIPE – Ora, João... Você me acha com cara disso?

JOÃO – Olha, Felipe; muitas vezes a crise aperta, e a gente rouba mesmo...

FELIPE – E se eu jurar?

JOÃO – Ah, se você jurar, eu acredito.

FELIPE – Eu juro se tal cousa fiz, quero ser o homem mais infeliz deste mundo; e que caia sobre mim o maior castigo...

FADA – Será feliz...

FELIPE – Quem sois vós?

FADA – A fada protetora dos infelizes...

FELIPE – Eu sou um deles...

FADA – Ao contrário; és muito feliz e tens um bom coração. Toma este talisman; com elle farás tudo que quizeres... e quando te achares em perigo, chama pela fada, protetora dos infelizes. Adeus... – (desaparece)

⁸ Vide textos.

⁹ SILVA, Ermínia. *Circo-teatro* – Benjamim de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil. São Paulo: Altana, 2007. p. 319.

¹⁰ ABREU, Brício de. *Esses populares tão desconhecidos*. Rio de Janeiro: Raposo Carneiro, 1963. p. 86.

¹¹ RUIZ, Roberto. *Hoje tem espetáculo?* As origens do circo no Brasil. Rio de Janeiro: Inacen, 1987.

¹² SILVA, op. cit., p. 225.

JOÃO – Ahi, maganão... Que é que estavas arranjando com aquela mulher?

FELIPE – Aquella é a fada.

JOÃO – Hum... é a safada?

FELIPE – Ela deu-me este talisman...

JOÃO – Qua! Felipe! Vara boa é esta; o mais é história...

FELIPE – Eu vou chamar Estephania... Minha fada, com o poder que tendes, fazei que venha aqui Estephania... – (ostenta a vara)

ESTEPHANIA – Ó Felipe... Ó João... Como vieram aqui?

FELIPE – Foi a valentia do João, se não eu já estava morto...

JOÃO – Felipe, manda vir aqui a Joanna! – (ostenta a vara)

JOANNA – Ó Felipe!... Como vae João ... – (bate)

JOÃO – Ó diabo do diabo! Vae bater no diabo, diabo...

A partir do trecho apresentado acima, pode-se observar que a entrada da fada deve ter sido, na cena, um momento mágico, mesmo que não haja uma rubrica que indique sua entrada, no texto. O mesmo ocorre com a sua saída, na qual a rubrica indica “desaparece”. A rubrica não indica saída lateral do palco, mas um desaparecimento, que propõe uma saída mágica.

O uso da vara mágica, o talismã, por parte de Felipe, para “aparecer” pessoas, Estephania e Joanna, requer também mais um número de magia, que deve ter sido elaborado pelo encenador do espetáculo, para causar o efeito feérico.

Para realização destes números de magia, assim como para a entrada e saída do diabo, que aparece em outro trecho da obra, a produção deve ter arcado com o alto custo para a realização desta mágica.

Com certeza Benjamim de Oliveira acreditava muito no seu potencial como artista e como ensaiador para investir numa montagem cheia de truques e magias, não obstante o conhecimento do circo com esse universo mágico.

O texto tem como gênero a mágica, descrito pelas pesquisadoras Neyde Veneziano e Vanda Bellard Freire, que além da féerie apresenta entrecos musicais, como a modinha citada abaixo:

JOANNA – Agora que estamos juntos, pede o João para cantar aquella modinha.

MÚSICA –

TODOS: Gosto de ti... eu mesmo não sei porque, minha Joanna...

Se tu pensas que é mentira,

Pergunta lá para Estephania...

JOÃO – Tu vae casar comigo

Eu hei de ser bom marido, isto é:

Se fores bem carinhosa,

Hás de ser minha mulher...

DANÇA – ... (Dorothea entra, e João, Joanna, Estephania e Felipe fogem, abandonando a casa).

A peça aborda o tema do amor, com muitas peripécias para impedir que os enamorados fiquem juntos. As personagens são populares, pessoas comuns, que vivem no campo, são os caipiras.

É bem possível que a personagem João Gostoso tenha sido desempenhada, em 1910, por Benjamim de Oliveira, pois esta personagem aparece como o cômico, que é metido a valentão, fazendo várias palhaçadas em cena, ao tentar salvar Felipe, e que, além disto, canta modinhas e dança. É sabido que Benjamim de Oliveira foi um dos primeiros palhaços-cantores, ao lado de Eduardo das Neves, o Dudu, cantando modinhas, lundus e chulas. Na opinião de Roberto Ruiz, o sucesso de Benjamim como palhaço-cantor devia-se “ao modo engraçado como dizia as coisas do que para os trinados que sabia não poder dar. Assim, o que cantava destacava-se mais pela comicidade do que pela melodia ou letra da música”.¹³

Uma outra característica da mágica é o seu final apoteótico, como no entrecos abaixo, em que a fada aparece vencendo o diabo e os enamorados já se apresentam casados. Segundo Neyde Veneziano, a apoteose é o grande quadro final, cujo objetivo é provocar aplausos e entusiasmos.¹⁴

DIABO – (entra) – Todos ao seu natural! – (sae)

TODOS – (Voltam a si sem saber o que se passou...)

VENÂNCIO – Hum... que cheiro de pano queimado...

DOROTHÉA – Mas que sono pesado...

CHICO – Olha, nha Dorothea, eu não quero saber de histórias; eu quero casar... quero conta de minha noiva...

DIABO – (entra de novo) – Venho avisar que Joanna e Estephania, acham-se em poder de Felipe e João Gostoso; se quiserem apanhal-os, acompanhem-me... – (sae)

FADA – Para traz, gênio do mal! É tarde de mais! Joanna e Estephania, estão sob a proteção divina; para prover-te vou mostrar um lindo quadro: Ei-lo!...

APOTHEOSE: – No fundo aparecem os protagonistas da peça, já casados; mais adiante, à esquerda, posta-se a Fada, empunhando a sua varinha de condão; à direita, cahido, Satan, como vencido na luta.

(FECHA O PANNIO)

¹³ COSTA, Eliene Benício Amâncio. *Salimbancos urbanos: a importância do circo na renovação do teatro brasileiro nas décadas de 80 e 90*. 1999. Tese (Doutorado em Artes) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. p. 70.

¹⁴ VENEZIANO, op. cit., p. 27.



A segunda peça de Benjamim de Oliveira, no gênero mágica, *Os irmãos jogadores*,¹⁵ com dois atos, em cópia datilografada datada de 1934, para ser censurada pelo Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda do Estado de São Paulo, a pedido dos Irmãos Fernandez, em 6 de julho de 1934, está no arquivo Miroel Silveira, com o DDP102. Há um segundo pedido para a peça ser novamente censurada, por solicitação do Circo Alcibíades, datado de 4 de agosto de 1942. Neste novo pedido, a peça requerida pelo Sr. Alcibíades Pereira apresenta um ato e três quadros, do gênero comédia, sendo o original de Benjamim de Oliveira, com adaptação de Júlio Ozon. Esta adaptação não se encontra arquivada, somente a peça mágica, data de 1934. Acredito ser esta obra uma reprodução da original de Benjamim de Oliveira. Observa-se que no título *Os irmãos jogadores* há um subtítulo, *A fada e satanaç*, porém este está riscado tanto no requerimento quanto na capa datilografada. Sobre a peça *A fada e satanaç*, segundo Ermínia Silva,¹⁶

Algumas pantomimas representadas, denominadas farsas e mágicas, escritas por artistas de circo brasileiros, como Eduardo, rapidamente começaram a ser adotadas por vários circos com as mais variadas denominações, como *O olbo do diabo* ou *a fada e o sataná*, encontrada às vezes também com o título de *O monóculo do diabo*.

O texto *Os irmãos jogadores*, segundo a pesquisadora Ermínia Silva, aparece na lista de peças apresentadas pelo Circo Spinelli, classificada como pantomima e apresentada neste circo entre 1906 e 1907. A autora não identifica a autoria da peça, assim como ao analisar as peças criadas pelo Benjamim de Oliveira não chega a citá-la.

Por outro lado, em relação à peça *A fada e satanaç*, Vicente de Paula Araújo relata que em 14 de janeiro de 1905 já aparecia um cartaz do Circo François, como Circo-Teatro François, anunciando a presença de Eduardo das Neves cantando suas modinhas no violão, assim como figurando nas pantomimas, entre as quais o drama *Os bandidos da Serra Morena*. Outro cartaz, de 22 de março de 1905, anunciava a peça *O olbo do diabo ou a fada e o satanaç*, escrita especialmente para essa companhia. Divulgava-se que haveria “um prólogo, um ato e uma deslumbrante apoteose.”¹⁷

Se *Os irmãos jogadores* ou *A fada e satanaç* são a mesma obra, não é possível esclarecer, pois este segundo texto não está entre as peças do Arquivo Miroel Silveira.

Considerando que o texto *Os irmãos jogadores* seja de autoria de Benjamim de Oliveira, este também se configura como uma mágica, a partir das características apresentadas pelas pesquisadoras já citadas. É interessante ressaltar neste texto os vários entrecchos musicais, que infelizmente não são identificáveis quanto aos seus estilos, pois em nenhuma rubrica e falas das personagens há referência aos estilos musicais dos mesmos, além do que as partituras musicais não estão anexas ao texto dramático. As letras tratam do enredo da peça, sobre as atitudes dos irmãos jogadores, inclusive citando as transformações ocorridas em suas vidas, a exemplo da última cena do segundo ato, quando os dois rapazes recebem permissão para se casarem com suas respectivas pretendentes:

BARÃO – Meu irmão com sua licença, desejo festejar este dia com um acto solemne para a família... Senhor Guilherme, faça o favor... Ahi, em minha filha o que desejava: casem-se e sejam felizes...

CLARINDA – Oh... obrigada meu pae.

JORGE – (a Guilherme) – Tu gostavas della, hein marreco?...

THOMAZ – Meu irmão, também peço licença, para fazer alguém feliz; alguém que soffre, mas que chegou o dia de mitigar as suas lágrimas... Jorge, ahi tem a tua Julinha: e que sejam felizes...

JORGE – Julinha para mim?... Aperta a costella... – (vae abraça-la e abraça Jacob, empurrando-o para um lado) – Em regozijo, eu e Guilherme vamos cantar um pouco.

GUILHERME E JORGE – Não somos mais vagabundos,

Não somos mais jogadores...
Agora estamos em família
Gozando nossos amores...

Ali nosso pae Thomaz
Que deve estar bem
Contente;
Findou-se a nossa miséria;
Agora somos boa gente...

Ora veja lá, ora veja lá
Ora veja lá...
Ora deixa os rapazes
Cantar...

Outra característica presente é a aparição de seres fantásticos, como o diabo, em diversos momentos da peça, interferindo nas ações das personagens. Como exemplo, o diabo aparece para o Marquez para fazê-lo

¹⁵ Vide peças.

¹⁶ SILVA, op. cit., p. 221.

¹⁷ ARAÚJO, Vicente de Paula. *Salões, circos e cinemas de São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1981. p. 68.

impedir o casamento de Florinda com Guilherme:

MARQUEZ – Então, mademoiselle? Não me diz nada? – (ajoelha-se) – deixa beijar-lhe as mãos...

CLARINDA – Tõma, forte toleirão... – (dá-lhe um tapa e sae, correndo)

MARQUEZ – Toleirão, eu? Ah!ah!ah!, mal sabes que o meu casamento contigo é unicamente para poder pagar as minhas dívidas...

DIABO – (entrando) – Cala-te, imbecil que só dizes asneiras! Queres casar com Clarinda, para assim poder pagar as tuas dívidas...

MARQUEZ – Mas quem é o senhor que sabe dos meus segredos?

DIABO – Sou um homem que te acompanha e sabe do que se passa em sua vida...

MARQUEZ – Uma vez que o senhor sabe tudo, diga qualquer cousa a respeito de minha vida...

DIABO – Não relutes. Esse casamento não pode effectuar-se porque Ella ama outro.

MARQUEZ – Quem?

DIABO – Guilherme...

MARQUEZ – Que Guilherme?

DIABO – O jardineiro...

MARQUEZ – Qual... então Ella vae despresar-me para casar com um simples jardineiro?...

DIABO – É um capricho como qualquer outro... Não vistes aquelle velho que há pouco entrou aqui? É o pae de Guilherme. Mas se queres ganhar a partida juras ser meu e acompanha-me...

MARQUEZ – (saindo arrastado pelas mãos) – Mais um amigo que eu não conhecia...

Observa-se que neste entrecho dramático o diabo apresenta-se para o Marquez como uma pessoa normal, sedutora, que conhece a sua vida particular e suas necessidades. Em nenhum momento o Marquez afirma que ele é o diabo, e sim “mais um amigo” que ele não conhecia!

O mesmo vai ocorrer com a fada, que nesta peça, ao contrário do *Chico e o Diabo*, aparece como uma mulher comum, sem se identificar como fada, no entrecho em que Guilherme e Jorge estão à procura de emprego:

BELCHIOR – O que que os senhores querem?

JORGE – É que nós queremos emprego, porque estamos com fome, isto é eu trago a minha; e meu irmão traz a delle...

BELCHIOR – Mas os senhores fortes, corados como um burro, estão com fome?

JORGE – Forte e corado é o senhor quem diz; mas cá dentro está vasio há quinze dias...

BELCHIOR – Eu vou chamar o senhor Barão e os senhores poderão trabalhar a vontade...

FADA – (disfarçada) Uma esmola, pelo amor de Deus...

JORGE – Ih... minha senhora... nós também estamos ruizinho de vida; mas se a senhora quizer esperar um pouco, talvez que o senhor Barão nos dê comida e a senhora poderá fazer parte do prato.

FADA – Oh! Obrigada, meus filhos; trabalhem que Deus há de dar comida e felicidade... – (sae)

JORGE – Olha dona. Então diga a Deus, para não demorar muito em olhar para nós...

Outra característica da mágica é o seu final apoteótico. Nesta peça, como não poderia faltar, a fada está presente ao lado dos protagonistas:

TODOS – (saindo) Viva o senhor Barão!

BARÃO – Todos para o outro jardim... (saem)

DIABO E MARQUEZ – (entrando) Chegamos tarde de mais. Já estão próximo do altar para o casamento... Acompanhe-me...

MARQUEZ – Eu não sei de nada; quero que cumpras o prometido...

FADA – Mais uma vez fostes vencido... Olha para este quadro!

(Levanta o panno e apparecem Jorge e Guilherme ao lado das noivas; estando a fada presidindo o acto, com sua indefectível varinha-talismã).

Nesta obra, as personagens que fazem parte do enredo mesclam-se entre pessoas comuns que vivem na cidade, como taberneiros, jogadores, e personagens que vivem no campo, mas que fazem parte de uma elite, como o Barão e o Marquez, ao lado de seus criados camponeses. São personagens-tipo, típicos do interior do país, como os caipiras ao lado de personagens estrangeiros, como o português jardineiro.

Pode-se concluir que, dos trechos das peças destacados, a mágica configura-se de fato como um gênero teatral que se consolidou no Brasil do século XIX e vai perdurar nos circos-teatros provavelmente até meados do século XX.

O enredo é simples, com peças curtas de um a dois atos (oito páginas para o *Chico e o Diabo* e nove páginas para *Os irmãos jogadores*), incluindo as canções que aparecem nos entrechos. Apesar desta constatação através das duas obras de Benjamim de Oliveira, em relação ao texto escrito, não é possível avaliar a duração destas obras na encenação, pois os recursos mágicos deveriam aumentar o tempo das cenas, assim como a representação dos atores que, além de interpretar, cantavam e dançavam em cena, criando a triangulação necessária para satisfazer ao público que os assistia. O enredo estrutura-se em começo, meio e fim, realizando a curva dramática da comédia. E as personagens-tipo, juntamente com os seres fantásticos, conduzem a ação dramática



que culmina na apoteose, com final feliz.

Nas duas obras a figura do cômico é delineada como um caipira. Em *O Chico e o Diabo* esta personagem é o João Gostoso, tipicamente caipira. Em *Os irmãos jogadores*, a personagem-tipo Jorge, apesar de viver na cidade e ir depois para o campo, apresenta-se em suas falas como um tipo grosseiro, atrapalhado, com atitudes desajeitadas, mais próximas do estilo caipira. Acredito que no palco o ator cômico dominava a cena com seu tipo característico, mesmo em histórias diferentes, produzindo muito riso na platéia. E os textos deixam entrever estes momentos, a exemplo de *O Chico e o Diabo*, na cena em que João Gostoso, o cômico, chega para “salvar” Felipe:

TODOS – Ahi está o Felipe... – (amarram Felipe num pau)

JOÃO – (entra, o povo ri) Na, na, na, não ... Queé que estão rindo?

VENÂNCIO – Quem é esse porquera?

DOROTHÉA – É o patife do João Gostoso...

JOÃO – Eu não sou gostoso nada... Eu hoje estou amargoso...

DOROTHÉA – Que é que vem faser aqui?

JOÃO – Venho dizer que Felipe não roubou nada...

VENÂNCIO – E como é que você prova?

JOÃO – Provo que ahi tiver um homem que dê um passo á frente!

TODOS – Espera patife! – (avançam, mas João ameaça com uma garrucha e solta Felipe que sae correndo. Chico sae carregado prafrente)

DOROTHÉA – Melhor; o cabra foi mais a menina ficou...

VENÂNCIO – É como o outro diz: a faca foi, mas a bainha, nem trinta.

DOROTHÉA – Vamos par dentro beber café por causa do susto...

TODOS – Vamos!... (entram)

E na cena em que Guilherme e Jorge resolvem dar flores para Clarinda, em *Os irmãos jogadores*, sendo que Jorge faz o cômico:

GUILHERME – (entrando com um ramalhete de flores) – Minha senhora...

CLARINDA – Ah! É o senhor?

GUILHERME – Sim. Peço licença para offerta- lhe estas lindas flores; acheias tão lindas que não pude resistir ao desejo de lh’as offerecer...

CLARINDA – Obrigada. Há tantos dias que o senhor está aqui em casa, e eu inda não pude saber o seu nome.

GUILHERME – Guilherme Sumarin, um seu creado...

JORGE – (entra com um bouquet de flores, e assusta-se ao ver Guilherme conversando com Clarinda) – Ih, Guilherme!... Você derramou todo o caldo! Conversando

assim com Sá barôa, esta é boa...

CLARINDA – Fiquem a vontade; meu pai não me proíbe que eu fale com pessoa alguma...

JORGE – estamos de trunpho na mão, Guilherme...

GUILHERME – Vê lá Jorge, que é que vaes fazer; não fale no vício...

JORGE – Como é seu nome?

CLARINDA – Clarinda uma sua creada...

JORGE – Creada de Deus... Ta vendo, Guilherme, que linda creada eu arranjei... Não vê D. Moringa...

GUILHERME – Clarinda Jorge!

JORGE – Já sei... Não vê D. Estribibinga... Que Guilherme e eu tinham um...

GUILHERME – (tapando-lhe a boca) – Não fala essas cousas Jorge!

A análise destas duas peças evidencia que os gêneros e subgêneros teatrais mantiveram-se, tanto em sua estrutura formal quanto em relação ao seu conteúdo, no circo-teatro. A singularidade ocorre pela conjugação da dramaturgia produzida e apresentada neste espaço, que é ao mesmo tempo circo e teatro, criando uma nova configuração da cena.

Referências

- ABREU, Brício de. *Esses populares tão desconhecidos*. Rio de Janeiro: Raposo Carneiro, 1963. 438p.
- ARAÚJO, Vicente de Paula. *Salões, circos e cinemas de São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- BOLOGNESI, Mário Fernando. *Palhaços*. São Paulo: Unesp, 2003.
- COSTA, Eliene Benício Amâncio. *Salimbancos urbanos: a influência do circo na renovação do teatro brasileiro nas décadas de 80 e 90*. 1999. Tese (Doutorado em Artes) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- DAMASCENO, Athos. *Palco, salão e picadeiro*. Porto Alegre: Globo, 1956.
- DUARTE, Regina Horta. *Noites circenses*. Campinas: Unicamp, 1995.
- FREIRE, Vanda Lima Bellard. *A Mágica: um gênero musical esquecido*. In: Revista Opus. Rio de Janeiro, n.6. outubro, 1999. issn 1517-7017.
- GIRON, Luís Antônio. *Ensaio de ponto*. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- MAGNANI, J. G. C. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade de São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MERÍSIO, Paulo Ricardo. *O espaço cênico no circo-teatro e a cena contemporânea*. 1999. Dissertação (Mestrado em Teatro) – Centro de Letras e Artes, Unirio, Rio de Janeiro.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

- RUIZ, Roberto. *As cem mais famosas peças teatrais*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1987.
- _____. *Hoje tem espetáculo? As origens do circo no Brasil*. Rio de Janeiro: Inacen, 1987.
- SILVA, Ermínia. *As múltiplas linguagens na teatralidade circense*. 2003. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas.
- _____. *O circo: sua arte e seus saberes. O circo no Brasil do final do século XIX a meados do XX*. 1996. 162f.
- Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas.
- VARGAS, Maria Thereza (Coord.). *Circo, espetáculo de periferia*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento de Informação e Documentação Artísticas, 1981.
- VENEZIANO, Neyde. *Não adianta chorar: o teatro de revista brasileiro... Oba!* Campinas: Unicamp, 1996.
- _____. *O teatro de revista no Brasil*. Dramaturgia e convenções. Campinas: Pontes, 1991.



OS IRMÃOS JOGADORES

Magica em DOIS ACTOS
de
BENJAMIM DE OLIVEIRA

SÃO PAULO – BRAZIL – 1934

OS IRMÃOS JOGADORES

Comedia magica em DOIS ACTOS E UMA APOTHEOSE*

PERSONAGENS:

BARÃO DE SUMARIN – 55 anos
CLARINDA, sua filha – 18 anos
MELCHIOR, jardineiro – 40 anos
JACOB, um criado – 21 anos
MARQUEZ – 30 anos
GUILHERME, jogador – 22 anos
JORGE, irmão de criação – 20 anos
THOMAZ, mendigo – 50 anos
JÚLIA, sua filha – 17 anos
FADA, gênio do bem
DIABO, gênio do mal
TOBIAS, vendeiro
Jogadores, comparsas e etc...

PRIMEIRO ACTO

A scena representa um salão de botequim, onde se reúnem os elementos do jogo, sempre a um cantinho de meza, dando um aspecto de malandragem.¹

POVO – entra, cantando –
Sim, festejemos,
A nossa sorte;
E assim joguemos
Até a morte...

Sim, vae ser grande o pagode
Olé, olé, olé...
Olé, olé, olé,
Que feliz deslumbramento;
Ninguém deve nem pode
Faltar a festa, olé...

-TOBIAS – Bravos, rapazes; sentem-se, e vamos ver o que querem.

UM JOGADOR – Inda não appareceu por aqui aquelle homem de fortuna?

TOBIAS – Inda não; mas não deve demorar-se.

UM JOGADOR – Hoje nós preparamos um livrinho de arrebentar a banca; e quero ver se o tal afortunado arranja qualquer cousa...

TOBIAS – Naquella noite, quase que tens que enviar um mensageiro ao banco miséria & Cia...

UM JOGADOR – Seu Tobias hoje tem que nos prestar um grande serviço: mandar o seu empregado á esquina; e logo que elle se approxime daqui, que venha nos avisar.

TOBIAS – Pois não. O Antonio, vae até lá a esquina, e quando notares que o afortunado se encaminha para aqui, corra e venha avisar.

DIABO – entra, e senta-se a uma meza -

UM JOGADOR – Temos cara extranha...

TOBIAS – Quer alguma cousa?

DIABO – Traga-me um absintho...

UM JOGADOR – E o gajo pega alto!

ANTONIO – Seu Tobia, seu Tobia, ahi vem elles...

* Mantida grafia original do texto. Cópia do Arquivo Miroel Silveira. Biblioteca da ECA/USP.

¹ Grifo nosso.

TOBIAS – Então vão para as suas mezas.

JORGE E GUILHERME – entram e são festejados por todos. –

UM JOGADOR – Olá... cá temoso homem da fortuna!

GUILHERME – Meus amigos, queiram desculpar-me; mas a sorte naquelle dia: a sorte estava comigo...

JORGE – Abra os olhos, Guilherme... eu não sympathiso com a cara desta gente... são uns piratas...

UM JOGADOR – Guilherme, vamos fazer um jogo?

GUILHERME – Só se for o meu jogo predilecto: o sete e meio.

UM JOGADOR – Valeu...

JORGE – Olha, Guilherme, vê lá o que vae fazer...

UM JOGADOR – Depois de haver carteadado – Prompto: sete e meio!

GUILHERME – Será possível?

UM JOGADOR – Vamos outra vez...

GUILHERME – Sete pontos!

UM JOGADOR – atirando as cartas a meza – Sete e meio!

GUILHERME – Chega; não quero mais; já perdi muito dinheiro...

TODOS – Oh... lá se foi o homem da fortuna!

JORGE – Eu não te disse Guilherme? Para que jogastes!

GUILHERME – Contra a sorte não ha quem possa...

JORGE – Contra a patota é que não ha quem escape... Elles te passaram a perna... Olha, este rei não tem barba!... Olha a dama com bigode!!! Ih... olha o papae ahi...

THOMAZ E JULIA – entram na taberna –

GUILHERME – Fica quieto.

THOMAZ – Sempre no maldito jogo! Meu filho deixa deste maldito jogo, e vae procurar um emprego onde possas ganhar a vida honradamente.

GUILHERME – Olha meu pae, com este baralho, eu heide ganhar dinheiro para nós.

THOMAZ – Não, meu filho; não é assim que eu quero que ganhes dinheiro, mas com o suor de teu rosto... Deves saber que eu já estou velho e quando morrer, quem tomará conta de tua irmã?

GUILHERME – Meu pae disse que tem um irmão muito rico, porque não procura?

THOMAZ – É verdade, mas quando eu o deixei, inda não era casado... Quem sabe onde anda?

GUILHERME – Qual! Com este baralho eu heide ganhar muito dinheiro...

THOMAZ – á Jorge – E tu, filho ingrato, tanto trabalho me destes para criar; pagas bem o tributo, levando Guilherme para o mau caminho...

JORGE – Mas eu...

THOMAZ – Cala-te; não te quero ouvir...

JULIA – Papae...

THOMAZ – Socega, filha, não chores... este vagabundo não merece as tuas lagrimas... – a Jorge – Fora das minhas vistas...

JORGE – saindo – Adeus Julinha... – saem –

THOMAZ – Vamos, minha filha... – saem –

DIABO – Meus amigos, eu possuo um trabalho que não

dá um só azar, e posso negocial-o...

GUILHERME – Ah, mas hade custar muito dinheiro, e eu não tenho.

DIABO – Não se trata de dinheiro; basta apenas fazermos um pacto.

TODOS – Um pacto?

DIABO – Sim. Basta que vocês me pertençam...

GUILHERME – Mas para que o senhor nos quer? Nós so sabemos jogar.

DIABO – Não importa; irão morar no meu palácio, e lá gozarão de tudo quanto é bom.

GUILHERME – E onde é o seu palácio?

DIABO – No inferno.

GUILHERME – Mas pelo que vejo, o senhor é o diabo?

DIABO – Nada mais e nada menos...

GUILHERME – Disem que o diabo é um sujeito cheio de nó pelas costas, e no entanto, olha só que rapagão...

DIABO – Que dirá se vocês verem as minhas três filhas; são três príncezas... Aceitam ou não?

TODOS – Aceitamos...

DIABO – Então, vamos.

TODOS – cantam – Sim, festejemos a nossa sorte
E assim joguemos, até a morte...
Sim, vae ser grande o pagode,
Ole,ole,olé; olé, olé, olé...
Que feliz deslumbramento...
Ninguem deve nem pode faltar a festa
olé... – saem –

ACTO SEGUNDO

A scena representa a casa do Barão de Sumarini, na parte ajardinada, onde um empregado se entretem a tratar das flores. É um portuguez. Na mão um regador e perto um rastilho.

(Jorge e Guilherme)

GUILHERME – Olha, Jorge, ali está um homem; vamos perguntar se há serviço para nós...

JORGE – Qual o que... Eu não me acostumo... Não há como a gente ser jogador. Quando a gente não ganha: perde; e quando a gente perde: não ganha...

GUILHERME – Não me fales mais no maldicto vicio...

JORGE – Eu vou falar com elle. Ó meu senhor... Ó meu caro senhor...

GUILHERME – Fala mais alto!

JORGE – Ó seu papagaio real!...

BELCHIOR – Parece que me estão a chamarem...

JORGE – Parece...

BELCHIOR – O que que os senhores querem?

JORGE – É que nós queremos emprego, porque estamos com fome isto é, eu trago a minha; e meu irmão traz a delle...

BELCHIOR – Mas os senhores fortes, corados como um burro, estão com fome?

JORGE – Forte e corado é o senhor quem diz; mas cá



dentro está vasio há quinze dias...

BELCHIOR – Eu vou chamar o senhor Barão e os senhores poderão trabalhar a vontade...

FADA – **disfarçada** – Uma esmola, pelo amor de Deus...

JORGE – Ih... minha senhora... nós também estamos ruizinhos de vida; mas se a senhora quizer esperar um pouco, talvez que o senhor Barão nos dê comida e a senhora poderá fazer parte do prato.

FADA – Oh! Obrigada, meus filhos; trabalhem que Deus há de dar comida e felicidade... – **sae** –

JORGE – Olha, dona. Então diga a Deus, para não demorar muito em olhar para nós...

Dentro – Viva o senhor Barão!... Viva!...

BELCHIOR – Atenção; ah! vem o senhor Barão.

TODOS – **cantam** – Lá vem, lá vem o senhor Barão.

Neste jardim elle vem passear...

Acompanhado de sua filha;

E aqui vamos o esperar...

– Viva o senhor Barão!...

BARÃO – Obrigado... Belchior?

BELCHIOR – Prompto, senhor Barão.

BARÃO – Onde estão os homens que dizes serem jardineiros?

BELCHIOR – Cheguem para lá... seu Barão quer velos...

BARÃO – a **Guilherme** – Os senhores entendem de jardim?

GUILHERME – Nunca trabalhamos; mas temos vontade de trabalhar...

JORGE – Ih, Guilherme... nós de jardim não entendemos nada...

GUILHERME – Cuidado: não fales nada do vicio.

BARÃO – Belchior! Leve estes homens para o outro jardim, e ensinem-lhes o serviço da casa...

BELCHIOR – Vamos rapazes.

JORGE – Ih, Guilherme... estamos empregados... Mas o almoço custará muito?

BELCHIOR – Digam ali ao senhor Barão quem são vocês.

GUILHERME – Já lhe vamos dizer

JORGE E GUILHERME – **cantam** – :

Nós somos dois rapazes,

Trabalhamos por dinheiro;

Não somos vagabundos...

E somos bons jardineiros.

TODOS – Viva o senhor Barão... – **saem** –

CLARINDA – Eu não sei que diz meu coração... Desde que vi aquelle rapaz, fiquei apaixonada. Jacob?

JACOB – **entrando** – Minha senhora...

CLARINDA – Que é que você notou naquelle rapaz que ficou sendo nosso jardineiro? Aquelle mais alto!

JACOB – Notei que o mais alto é maior que o mais baixo...

CLARINDA – **saindo** – Seu bobo...

JACOB – Bobo vae Ella; eu tenho lá alguma cousa com as cousas della?

CLARINDA – **entra e senta-se e adormece** –

DIABO – Até que enfim... Vae ser minha; vou levala para o meu reinado.

FADA – Para traz, miseravel. Esta me pertence.

DIABO – Vou, mas quero guerra – **sae** –

FADA – Guilherme... – **sae** –

CLARINDA – **despertando** – Ah, meu Deus, que sonho delicioso...

GUILHERME – **entrando com um ramallete de flores** – Minha senhora...

CLARINDA – Ah! É o senhor?

GUILHERME – Sim. Peço licença para offertar-lhe estas lindas flores; acheias tão lindas que não pude resistir ao desejo de lh'as offerecer...

CLARINDA – Obrigada. Há tantos dias que o senhor está aqui em casa, eu ainda não pude saber seu nome.

GUILHERME – Guilherme Sumarin, um seu criado...

JORGE – **entra com um bouquet de flores, e assustase ao ver Guilherme conversando com Clarinda** – Ih! Guilherme!... Você derramou todo o caldo! Conversando assim com sá barôa, esta é boa...

CLARINDA – Fiquem a vontade; meu pae não me prohiu que eu fale com pessoa alguma...

JORGE – Estamos de triumpho na mão, Guilherme...

GUILHERME – Vê lá, Jorge, que é que vaes fazer; não fales no vicio...

JORGE – Como é o seu nome?

CLARINDA – Clarinda, uma sua creada...

JORGE – creada de Deus... Tá vendo, Guilherme, que linda creada eu arranjei? ... (**á Clarinda**) Não vê, d. Moringa...

GUILHERME – Clarinda, Jorge!...

JORGE – Já sei... Não vê d. Etribibinga... Que Guilherme e eu tinham um ...

GUILHERME – **tapando-lhe a boca** – Não fala essas cousas, Jorge!

JORGE – Agora não sahiu...

CLARINDA – Pode falar.

JORGE – É que eu e Guilherme tínhamos um pae com uma mãe... Depois nós sahimos pelo mundo á procura de emprego, não sabemos onde anda o nosso pae... Eu até ia casar com minha irmã...

CLARINDA – horrorizada – Que é isso? O senhor, então ia casar com sua irmã?...

GUILHERME – **concertando** – Não é isso, d. Clarinda; é que elle não é meu irmão legítimo, e sim de criação...

CLARINDA – Ah... isto, sim...

JORGE – Pois é isso, d. Moringa...

MARQUEZ – **entrando, altivo** – Que é isso, seus mandros? Aqui não é seu lugar!... Já daqui para fora...

CLARINDA – Perdão, Marquez... elles estão aqui com o meu consentimento!

MARQUEZ – Perdão, d. Clarinda; eu pensei que elles estivessem faltando com o devido respeito... eu cá sou assim...

GUILHERME – Com sua licença, minha senhora... – **sae** –

JORGE – Eu também não fico aqui... **quando o Marquez olha, elle finge que sae; quando vira ás costas,**

Jorge volta. E assim consecutivamente até que sae de uma vez.

MARQUEZ – Madmoiselle Clarinda se soubesse a paixão que vae cá por esta alma...

CLARINDA – Então o Marquez está apaixonado por mim?... e eu por Guilherme...

THOMAZ E JULIA – entram – **Dá licença?**

CLARINDA – Entrem; que querem?

THOMAZ – Uma esmola pelo amor de Deus, para dar que comer a esta pobre infeliz, já torturada pela inclemência da jornada...

CLARINDA – Pobre velho...vem de muito longe?

THOMAZ – Há dias que andamos, sem ter um pão para comer, nem um lugar para dormir.

CLARINDA – É sua filha, essa menina?

THOMAZ – Sim, minha senhora...

CLARINDA – É única?

THOMAZ – Não, minha senhora; tenho também um filho que há tempos nos abandonou, e eu não sei para onde anda...

CLARINDA – Como se chama?

THOMAZ – Guilherme Sumarin...

CLARINDA – E o senhor?

THOMAZ – Thomaz Sumarin...

CLARINDA – Será o pae de Guilherme... Descance meu velhinho; aqui encontrará abrigo. – **chama** – Jacob?

JACOB – Minha senhora...

CLARINDA – Leve essas pessoas para o meu quarto. Dê-lhes o que comer e beber; mas que meu pae não os veja...

JACOB – Entrem.

THOMAZ – Deus há de lhe pagar tanta bondade de coração... – **entram** –

MARQUEZ – Então, madmoiselle? Não me diz nada? – **ajoelha-se** – deixa beijar-lhe ás mãos...

CLARINDA – Tome, forte toleirão... – **dá-lhe um tapa e sae, correndo** –

MARQUEZ – Toleirão, eu? Ah,ah,ah, mal sabes que o meu casamento comtigo é única,mentepara poder pagar as minhas dividas...

DIABO – **entrando** – Cala-te, imbecil que só dizes asneiras! Queres casar com Clarinda, para assim poder pagar as tuas dividas...

MARQUEZ – Mas quem é o senhor que sabe dos meus segredos?

DIABO – Sou um homem que te acompanha e sabe do que se passa em sua vida...

MARQUEZ – Uma vez que o senhor sabe tudo, diga qualquer cousa a respeito de minha vida...

DIABO – Não relutes. Esse casamento não pode effectuar-se porque Ella ama outro.

MARQUEZ – Quem?

DIABO – Guilherme...

MARQUEZ – Que Guilherme?

DIABO – O jardineiro...

MARQUEZ – Qual... então Ella vae desprezar-me para casar com um simples jardineiro?

DIABO – É um capricho como outro qualquer... Não vistes aquelle velho que há pouco entrou aqui? É o pae de Guilherme. Mas se queres ganhar a partida juras ser meu e acompanha-me...

MARQUEZ – **saindo arrastado pelas mãos** – Mais um amigo que eu não conhecia...

BARÃO E CLARINDA – entram, conversando baixo –

CLARINDA – Meu pae tenho a pedir-lhe treis coisas e espero que não negarás...

BARÃO – Pede, pede, filha e serás attendida. Qual é a primeira?

CLARINDA – Beijar-lhe ás mãos, que ainda hoje não beijei...

BARÃO – E a segunda...

CLARINDA – Desmanchar o meu casamento com o Marquez...

BARÃO – E a terceira?...

CLARINDA – É consentir no meu casamento com Guilherme...

BARÃO – Que Guilherme, minha filha?

CLARINDA – O jardineiro...

BARÃO – Mas minha filha... vê bem, a nossa posição... Guilherme é um excellente rapaz, não resta duvida; mas não passa de um jardineiro...

CLARINDA – Mas é digno de seu amor e de sua estima...

BARÃO – Bem, uma vez que é de teu gosto, vá lá: consinto...

CLARINDA – Oh! Obrigada meu pae; eu sabia que o senhor ao seria insensível aos meus sentimentos para com aquelle que é o escolhido do meu coração...

BARÃO – Jacob?

JACOB – Senhor Barão...

BARÃO – Vá depressa chamar Guilherme, o jardineiro...

JACOB – **para dentro** – Senhor Guilherme? O Sr. Barão lhe está chamando...

GUILHERME – Ás suas ordens, senhor Barão...

BARÃO – Qual é o seu nome?

GUILHERME – Guilherme Sumarin...

BARÃO – **áparte** – O meu sobrenome de família? O seu pae...

GUILHERME – Thomaz Sumarin...

BARÃO – O nome de meu irmão...

CLARINDA – Papae, peço licença para lhe apresentar duas pessoas que estão lá dentro... Jacob?

JACOB – Sá Barôa...

CLARINDA – Traga aquellas pessoas que estão no meu quarto.

JACOB – Sim, senhora. – **Jacob sae e volta com os personagens** –

CLARINDA – Ei-los, meu pae...

BARÃO E THOMAZ – **surprehendidos com a fatalidade** – Meu irmão! Meu irmão!...

GUILHERME – Meu pae! Meu querido pae!

THOMAZ – Onde está Jorge?

GUILHERME – Jorge! Papae está aqui...



JORGE – **entrando** – Oh! Papae! Onde está Julinha?
GUILHERME – abraçado á Julia – Olha a Julinha aqui!
JORGE – **abraçando-a** – Aperta a costella, Julinha!
Aperta a costella!
GUILHERME – Olha o velho ali...
JORGE – Ih!,... o papae esta parecendo com o rei de copas... Ah! Julinha, eu estava com muita saudade de você... uma ocasião eu comi lingüiça e me lembrei de você...
BARÃO – Meu irmão com sua licença, desejo festejar este dia com um acto solemne para a família... Senhor Guilherme, faça o favor... Ahi tem minha filha o que desejava: casem-se e sejam felizes...
CLARINDA – Oh... obrigada meu pae.
JORGE – a **Guilherme** – Tu gostavas della, hein marreco?...

THOMAZ – Meu irmão, também peço licença para fazer alguém feliz; alguém que soffre, mas que chegou o dia de mitigaras suas lagrimas... Jorgew, ahi tem a sua Julinha; e que sejam felizes...
JORGE – Julinha para mim?... Aperta a costella... – **vae abraçar-a e abraça Jacob, empurrando-o para um lado** – Em regosijo, eu e Guilherme vamos cantar um pouco.
GUILHERME E JORGE – Não somos mais vagabundos,

Não somos mais jogadores...
Agora estamos em familia
Gozando nossos amores...

Ali o nosso Thomaz
Que deve estar bem contente:
Fındou-se a nossa miséria;
Agora somos boa gente...

Ora veja lá, ora veja lá
Ora veja lá...
Ora deixa os rapazes cantar...

TODOS – **saindo** – Viva o senhor Barão!
BARÃO – Todos para o outro jardim... **saem** –
DIABO E MARQUEZ – **entrando** – Chegamos tarde de mais. Já estão próximo do altar para o casamento... Acompanhe-me...
MARQUEZ – Eu não sei de nada; quero que cumpras o promettido...
FADA – Mais uma vez fostes vencido... Olha para este quadro!

.....
(Levanta o panno e apparecem Jorge e Guilherme ao lado de suas noivas; estando a fada presidindo o acto, com sua indefectivel varinha-talismã)

FIM DO ULTIMO ACTO

O CHICO e o DIABO

Comedia magica em UM ACTO E UMA APOTEOSE

de

BENJAMIM DE OLIVEIRA

SÃO PAULO – BRAZIL – 1934

O CHICO E O DIABO

Comedia magica em UM ACTO E UMA APOTHEOSE¹

PERSONAGENS:

CHICO DA PORTEIRA, um fazendeiro

VENANCIO, sitiante

DOROTHÉA, velha viúva e rica

JOANNA, filha de criação

ESTEPHANIA, irmã desta

FELIPE CAMPEIRO, empregado

JOÃO GOSTOSO, amigo deste

FADA, o Genio bom

DIABO, o Genio mau

Comparsas, convidados e musicas...

ACTO UNICO

A scena representa uma sala de casa pobre: meza a D. ladeada de duas cadeiras.

CHIMBÓ – **entra** – A casa hoje está numa arrumação do diabo. Pois já se fala no casamento do seu Chico da Porteira com a menina Estephania; e elle não deve tardar. Quero ver a cara delle...

JOANNA E ESTEPHANIA – **entram, tristes** -

JOANNA – Então, Estephania. Você vae casar com o Chico da Porteira e despreza o pobre do Felipe?

ESTEPHANIA – Eu, não; a velha é quem quer... mas eu não me caso com elle, apesar de ser rico. Caso-me com o Felipe por que é pobre, mas é trabalhador...

FELIPE – Oh, Joanna como vae! E você Estephania, está alegre?

ESTEPHANIA – Porque?

FELIPE – Por que a velha quer que você se case com o tal Chico da Porteira...

ESTEPHANIA – Não, Felipe. Prefiro a morte a casar com semelhante animal... Nunca desprezarei o meu Felipe...

FELIPE – E você, Joanna? Gosta ou não, do João Gostoso?

JOANNA – Gosto, sim.

FELIPE – Então porque brigas com elle?

JOANNA – porque elle é muito bruto...

FELIPE – É... mas elle gosta de você...

DOROTHÉA – Então sua cambada! Em lugar de tratar da casa, estão aqui conversando? Já para dentro... – **a Felipe** – e você vá depressa ao campo e avise ao João Gostoso para matar dez carneiros; um boi e onze vacas que é para o casamento da Estephania com o seu Chico da Porteira... – **Felipe sae** – **CHIMBÓ** – Agora é comigo...

¹ Mantida grafia original do texto. Cópia do Arquivo Miroel Silveira. Biblioteca da ECA/USP.



DOROTHÉA – E você, seu malandro, o que ouviu?

CHIMBÓ – Ouvi que a Estephania vai casar com o Felipe; a Joanna com o João Gostoso; e eu...

DOROTHÉA – E você com quem vai casar?

CHIMBÓ – Eu... vou casar com você... – **sae** –

DOROTHÉA – **correndo** - Espera seu malandro, eu já te ensino... – **sae** –

VENANCIO – **entra** – Ó de casa! Ó mana? Então, não tem ninguém nesta casa?

DOROTHÉA – Entra, mano Venancio... A casa é sua!

VENANCIO – Obrigado, mana... – **senta-se** –

DOROTHÉA – Pois eu mandei chamar o mano para tratarmos do casamento de seu Chico com a Estephania... Porque a menina parece que não quer; que havemos de fazer?

VENANCIO – Ella não tem querer. Hade casar com seu Chico que é o fazendeiro mais rico desta redondeza...

DOROTHÉA – Ella está apaixonada pelo Felipe.

VENANCIO – Mas quem é esse Felipe?

DOROTHÉA – É o nosso campeiro...

VENANCIO – Eu tenho uma ideia; vamos dizer que o Felipe é ladrão. Que arrombou o baú da mana e roubou uma quantidade de prata; Ella sabendo disso não se casará com elle e sim com seu Chico.

DOROTHÉA – Bem lembrado. Mãos á obra. Vamos para dentro. – **saem** –

ESTEPHANIA – **fala á Joanna** – Está vendo...

JOANNA – O que?

ESTEPHANIA – Levantaram calúnia contra Felipe; disseram que elle roubou a velha...

JOANNA – Quem foi?

ESTEPHANIA – Este pessoal...

JOANNA – Felipe não é capaz disso; esse povo é malicioso...

ESTEPHANIA – Como é que vamos fazer para salvar o Felipe? Se apparecesse por aqui o João Gostoso...

JOANNA – O João Gostoso é um banana...

ESTEPHANIA – É, mas ás vezes os bananas dão o que fazer...

JOÃO – **entrando** – ó Estephania, como vai? E você, Joanna?

ESTEPHANIA – Ó João, foi Deus que mandou você aqui.

JOÃO – Não foi Deus nada; foi eu que quis vir... Mas porque diz isso, há alguma novidade?

ESTEPHANIA – Trata-se de proteger o Felipe...

JOÃO – O que é que tem o Felipe?

ESTEPHANIA – Disseram que elle roubou...

JOÃO – Que é que disse isto? Eu mato gente em penca.

ESTEPHANIA – Foi a velha com o Venancio...

JOÃO – Não acredite, Estephania... Felipe não roubou nada...

ESTEPHANIA – Você vai salvar o Felipe.

JOÃO – Eu? Eu não presto... Aquelle pessoal me come vivo...

JOANNA – Pois então eu não me caso com você...

JOÃO – Então eu vou...

ESTEPHANIA – Pega esta espada e esta garrucha; quando o Felipe estiver preso, você faz uma cara feia e pucha a garrucha, e salva o Felipe...

JOANNA E ESTEPHANIA – Adeus, João, salva o Felipe... – **saem** –

JOÃO – Vocês me deixam aqui sozinho? – **ouve barulho e sae** –

CHICO – **com seu pessoal, entra e canta:**

Ó de casa! Ó de fora,
Chegamos na carreira...
Chegou... chegou...
Seu Chico da Portera...

CÔRO

Elle veio... elle veio...
Alegre arranjá...
Elle veio...elle veio...
Sómente para casá...

TODOS – Viva seu Chico!

VÓZES – Viva!!!

DOROTHÉA E VENANCIO – **entram e cumprimentam seu Chico** –

CHICO – Pois é isso! Depois de muito andá, cheguei com o meu pessoal.

VENANCIO – Pois é, seu Chico... vancê é de sorte: a menina que mesmo casá com vancê...

DOROTHÉA – Chimbó? Vai depressa chamar as meninas; diga que seu Chico da Porteira já chegou...

CHIMBÓ – Mas ellas não querem casá... – **sae** –

DOROTHÉA – Vai, depressa, seu vagabundo...

VENANCIO – Meta o rabo de tatu nesse canalha...

JOANNA E ESTEPHANIA – **entram** – Para que nos querem?

DOROTHÉA – É para cumprimentar seu Chico...

VENANCIO – Tá vendo, seu Chico, quês pedaços?

CHICO – Home... não tem escolha: aqui é fechar os óies e agarrá...

VENANCIO – E ella está louquinha por casá...

CHICO – Agora eu vou distribuir uns presentes que eu trouxe para esse povo... – **chama** – Gibóia?



GIBÓIA – Prompto.
CHICO – Desça esse jacá. – **Chico distribue um presente para cada convidado, inclusive a Joanna e Estephania** –
VENANCIO – Não acha bom falá agora naquelle negocio do Felipe?
DOROTHÉA – É bom.
VENANCIO – Então quando eu falá, todos dizem que é verdade...
DOROTHÉA – Então fala, mano.
VENANCIO – Meus senhores!...
TODOS – É verdade!
VENANCIO – Verdade o que? Eu ainda não falei nada...
DOROTHÉA – Está bem; fale.
VENANCIO – Meus senhores. O Felipe campeiro, teve a petulancia de arrombar o bahú da mana Dorothéa e roubar uma porção de dinheiro.
JOANNA E ESTEPHANIA – É mentira...
VENANCIO – É verdade! E ainda porriba roubou uns castiça de ouro prateado. Que havemos de fasê delle?
TODOS – Matal-o.
CHICO – Matá, não; eu tenho medo de defunto...
VENANCIO – Então vamos lhe dar uma surra de criar bicho... Vão lá dentro e traga aquelle bandido prá cá. – **vão buscar Felipe** –
JOANNA E ESTEPHANIA – Ah, se João apparecesse agora, é que eu queria ver...
TODOS – Ahi está o Felipe... – **amarram Felipe num pau** –
JOÃO – **entra** – **o povo ri** – Na,na,na,não...Que é que estão rindo?
VENANCIO – Quem é esse porquera?
DOROTHÉA – É o patife do João Gostoso...
JOÃO – Eu não sou gostoso nada... Eu hoje estou amargoso...
DOROTHÉA – Que é que vem faser aqui?
JOÃO – Venho dizer que o Felipe não robou nada...
VENANCIO – E como é que você prova?
JOÃO – Próvo que se ahi tiver um homem que dê um passo á frente!
TODOS – Espera patife! – **avançam, mas João ameaça com uma garrucha e solta Felipe que sae correndo. Chico vae carregado prafrente.**
DOROTHÉA – Melhor: o cabra foi mais a menina ficou...
VENANCIO – É como o outro que diz: a faca foi, mas a bainha, nem trinta.
DOROTHÉA – Vamos paradentro beber café por causa do susto...
TODOS – Vamos!... – **entram** –

JOÃO E FELIPE – é aqui mesmo.
JOÃO – Vamos Felipe; vamos buscar a tua roupa...
FELIPE – Não, João. Não quero ir mais lá dentro...
JOÃO – Não tenha medo: olhe para mim e crie coragem...
FELIPE – Olha, João, eu nunca pensei que você fosse tão corajoso...
JOÃO – Olha Felipe: eu quando estou com raiva, tenho medo de mim mesmo...
FELIPE – Olha João, vamos daqui, eu não quero saber de negocio com esse povo...
JOÃO – Não, Felipe. Vamos receber o dinheiro.
FELIPE – Eu não quero dinheiro; elles podem nos fazer mal.
JOÃO – Felipe, eu vou te perguntar uma coisa; mas você não me negue... mas não me negue...
FELIPE – Fala, João...
JOÃO – Felipe, você roubou, ou não roubou?
FELIPE – Ora, João...você me acha com cara disso?
JOÃO – Olha, Felipe; muitas vezes a crise aperta, e a gente rouba mesmo...
FELIPE – E se eu jurar?
JOÃO – Ah, se você jurar eu acredito.
FELIPE – Eu juro se tal cousa fiz, quero ser o homem mais infeliz deste mundo; e que caia sobre mim o maior castigo...
FADA – Serás feliz...
FELIPE – Quem sois vós?
FADA – A Fada protetora dos infelizes...
FELIPE – Eu sou um delles...
FADA – Ao contrário; és muito feliz e tens um bom coração. Toma este talisman; com elle farás tudo que quizeres... e quando te achares em perigo, chama pela Fada, protetora dos infelizes. Adeus... – **desapparece** –
JOÃO – Ahi, manganão... Que é que estavas arranjando com aquella mulher?
FELIPE – Aquella é a Fada.
JOÃO – Hum... é a safada?
FELIPE – Ella deu-me este talisman...
JOÃO – Qua! Felipe! Vara boa é esta; o mais é historia...
FELIPE – Eu vou chamar Estephania... Minha fada, com o poder que tendes, fazei que venha aqui Estephania... – **ostena a vara** –
ESTEPHANIA – Ó Felipe... Ó João... Como vieram aqui?
FELIPE – Foi a valentia do João, se não eu já estava morto...
JOÃO – Felipe, manda vir aqui a Joanna...
FELIPE – É já. Você vae ver... Que venha Joanna!



– ostenta a vara –

JOANNA – Ó Felipe!... Como vae, João!... – **bate** –

JOÃO – Ó diabo do diabo! Vae bater no diabo, diabo...

JOANNA – Agora que estamos juntos, pede o João para cantar aquella modinha.-

Musica –

TODOS: Gosto de ti... eu mesmo não sei porque, minha Joanna...

Se tu pensas que é mentira,
Pergunta lá para Estephania...

JOÃO – Tu vae casar comigo

Eu hei de ser bom marido, isto é:

Se fores bem carinhosa,

Has de ser minha mulher...

Dançam – ... **Dorothea entra, e João, Joanna, Estephania e Felipe fogem, abandonando a casa.**

DOROTHEA – Venham todos...

VENANCIO, CHICO E CAPANGAS – entram
– Que é, que foi?

DOROTHEA – Felipe e João gostoso carregaram com as meninas...

CHICO – Não, não pode ficar assim... Eu tambem tenho um talisman que o diabo me deu, e elle deve valer alguma coisa...

VENANCIO – Onde está, nho Chico?

CHICO – está aqui... – **mostra** –

TODOS – Ah,ah,ah,ah,ah...

VENANCIO – Ora, nho Chico; o diabo enganou vancê; isso ahi é um pé de cabrito...

CHICO – O diabo disse que isso é bom; mas um dia uma mulher disse que isso não valia nada, e eu não posso ser embrulhado.

VENANCIO – O melhor é irmos atrás delles.

DOROTHEA – Boa Idéa... Vamos... – **quando vão sair, apparecem os fugitivos** – Olhem o que está ali?

FELIPE – Olha lá João. Olha quem queria casar com a Joanna?

JOANNA – Aquelle é que é o tal Chico da Porteira...

CHICO – Vamos pegar esses malandros que eu quero dar uma sova de criar bicho...

VENANCIO – Então quando eu disser treis, nós avançamos...

TODOS – Está certo.

VENANCIO – Um...dois...e treis. – **avança** –

FELIPE – Agora, João, pode chingar e bater neste povo a vontade...

JOANNA – Mas respeite a velha, João; Ella é parte fraca...

JOÃO – É... a Joanna também é parte fraca, mas quando me bate é bem forte...

FELIPE – Chinga o Chico...

JOÃO – Então, seu Chico da Porqueira... fazendeiro arreventado... você queria casar com a Joanna? Você vae casar agora com minha vó! E você sua Dorothea, cabecinha de frango dagua... Estava pensando que a Joanna era sua escrava? Fala que eu te ingulo... Olá, seu Venancio! Cara de ranço... Você aqui com parte de parente mas o que você é, é um grande filante. O que? O que?

FELIPE – Elle não disse nada...

JOÃO – Parece que elle me chamou de burro...

JOANNA – Elle não falou...

JOÃO – Então elle falou para dentro. Fique sabendo que Joanna vae casar comigo; Ella vae ser meu marido!...

FELIPE – Que é isto, João? Tua mulher...

JOÃO – Se aqui tiver um homem mais valente que eu, que dê um pio...

FELIPE – Mas você é mesmo valente...

JOÃO – É a força do rabo, Felipe...

FELIPE – Olha, João, não temos tempo a perder; ficas ahi, e eu vou com a Estephania no escrivão para tratar dos papeis de casamento.

JOÃO – Olha, Felipe. Para não gastar muito tempo, manda fazer o meu nas costas do teu; eu pago a metade...

JOANNA – Chega, João; não temos tempo a perder.

JOÃO – Joanna, você quer casar comigo? Olha que eu sou rico...

JOANNA – Quanto você tem?

JOÃO – Tenho uma fortuna...

JOANNA – Quanto?

JOÃO – Mil e quinhentos...

JOANNA – Oh... já é muito dinheiro...

JOÃO – Eu tenho uma casa de palha...

E tenho um conto de réis.

Se queres casar comigo:

Vamos tratar dos papeis...

JOANNA – Vamos, Joãozinho...

JOÃO – **saindo, puxando Joanna** – Engata, Joanna...

.....
.....
.....
.....

.....**DIA-**

BO – **entra** – Todos ao seu natural! – **sae** –

TODOS – **Voltam a si, sem saber o que se passou...** –



VENANCIO – Hum... que cheiro de pano queimado...

DOROTHEA – Mas que somno pesado...

CHICO – Olha, nha Dorothea, eu não quero saber de historias; eu quero casar... quero conta de minha noiva...

DIABO – **entra de novo** – Venho avisar que Joanna e Estephania acham-se em poder de Felipe e João Gostoso; se quizerem apanhal-os, acompanhem-me... – **sae** –

FADA – Para traz, gênio do mal! É tarde de mais! Joanna e Estephania estão sob a proteção divina;

para prover-te vou mostrar um lindo quadro: Eil-o!...

APOTHEOSE: – **No fundo aparecem os protagonistas da peça, já casados; mais adiante, a esquerda, posta-se a Fada, empunhando a sua varinha de condão; a direita, cahido, Satan, como vencido na luta.**

FECHA O PANNO

